

SIMPÓSIO AT028

A LEITURA COMO OPERAÇÃO DE CAÇA: TRAJETÓRIAS LEITORAS DOS CAÇADORES DO CLUBE DO LIVRO NO IFRN – CAMPUS MACAU

SILVA, JUAN DOS SANTOS

Professor substituto do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e
mestrando em estudos da linguagem (PPGEL-UFRN)
juanfflorencio@gmail.com

CASADO ALVES, MARIA DA PENHA

Professora Dra. Associada do Departamento de Letras (UFRN) e do Programa
de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem(UFRN)
penhalves@msn.com

Resumo: Este trabalho discute o fenômeno de formação de comunidades de leitores a partir da análise do Clube do Livro Macau/RN. Idealizado por alunos de cursos técnico-integrados do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - Campus Macau em 2011, a comunidade de leitores se reúne ao longo do período escolar para discutir obras escolhidas pelos participantes e fomentar o processo de formação de leitores na escola. A partir das concepções teóricas do Círculo de Bakhtin e de reflexões de teóricos da Linguística Aplicada, é possível agregar à discussão questões como as forças verbo-ideológicas, no que concerne ao embate de forças na arena discursiva desses clubes que misturam com naturalidade o cânone e o popular, propiciando o ato de descolecionar (CANCLINI, 2015), e a noção de acabamento, tendo em vista a necessidade do outro literário para se construir identitariamente nesses ambientes. Pretende-se, portanto, compreender quais elementos sociais levaram à construção desse clube e seus efeitos na comunidade escolar em que se mantém até hoje. A pesquisa se constrói a partir do paradigma indiciário (GINZBURG, 1985) o qual permite, a partir de entrevistas e questionários com as três gerações de alunos idealizadores do clube, traçar questões referentes ao processo de formação de comunidades (CHARTIER, 1991), de construção identitária (HALL, 2015) e de significação dos corpos envolvidos nessas práticas discursivas (LOURO, 2016).

Palavras-chave: Comunidade de leitores; IFRN; Formação de leitores; Acabamento; Identidade.

Resumen: Este trabajo discute el fenómeno de formación de comunidades de lectores a partir del análisis del Clube do Livro Macau/RN. La comunidad de lectores se reúne a lo largo del período escolar para discutir las obras escogidas por los participantes y fomentan el proceso de formación de lectores en la escuela, idealizado por alumnos de cursos técnico-integrados del Instituto Federal do Rio Grande do Norte - Campus Macau en 2011. A partir del marco teórico derivado del Círculo de Bakhtin y de

ponderaciones de teóricos de la Lingüística Aplicada, es posible agregar a la discusión cuestiones como las fuerzas verbo-ideológicas, en lo que concierne al embate de fuerzas en la arena discursiva de esos clubes que mezclan con naturalidad el canon y el popular, propiciando el acto de desenredar (CANCLINI, 2015), y la noción de acabado, teniendo en vista la necesidad del otro literario para construirse identificadamente en esos ambientes. Se pretende, por lo tanto, comprender qué elementos sociales llevaron a la construcción de ese club y sus efectos en la comunidad escolar en que se mantiene hasta hoy. La investigación se edifica a partir del paradigma indiciario (GINZBURG, 1985), el cual permite, a partir de entrevistas y cuestionarios con las tres generaciones de alumnos idealizadores del club, trazar cuestiones referentes al proceso de formación de comunidades (CHARTIER, 1991) la construcción identitaria (HALL, 2015) y de significación de los cuerpos involucrados en esas prácticas discursivas (LOURO, 2016).

Palavras chave: Comunidad de lectores; IFRN; Formación de lectores; Acabado; Identidad.

Introdução

A prática de leitura tem se tornado comum na contemporaneidade, indo de encontro a muitas teorias que previam o fim da leitura literária como prática cotidiana¹. Hoje, não só os livros são os que propiciam a prática de leitura, mas os computadores, celulares, e-readers, tablets e uma série de outros equipamentos revitalizam a forma material da leitura e entregam a seus leitores uma verdadeira biblioteca acessível com poucos toques. O ato de ler gera consequências para além do exercício da alteridade, faz surgir também a necessidade de diálogo do que foi lido com os outros. Assim surgem as comunidades de leitores, responsáveis por reunir leitores em torno de determinadas obras e gestarem discussões em torno dessas produções. Com o objetivo de entender como se dá esse processo e quais suas motivações e implicações para as práticas sociais, analisaremos a formação da comunidade de leitores do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Macau, originada em 2011 e em funcionamento até o tempo presente. A partir da voz dos próprios fundadores, objetivamos entender como se dá o processo de leitura e de formação de comunidades dentro do espaço escolar, além dos embates originados por essas práticas.

¹ Como pode ser visto em:

ECO, Umberto; CARRIERE, Jean-Claude. Não contem com o fim do livro. Rio de Janeiro: Record, 2010.
PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

1. O que se caça quando se lê?

Ao definir a leitura como uma operação de caça, **Certeau (2014)** assume a ideia de um leitor que está desbravando um universo novo. Construir esse lugar alhures consiste em construir imageticamente determinados enunciados e imaginar aquilo que vai sendo descrito ao longo das páginas. No meio desse processo, o leitor descobre não apenas questões do exterior, ligadas a uma obra que se constrói mecanicamente e o apresenta a um instrumento literário com início, meio e fim. Ao contemplar o outro, esse ser fictício que habita uma outra dimensão espacial e temporal, o leitor se põe, automaticamente, em uma relação de alteridade com ele. O leitor, por vezes, tem acesso ao pensamento da personagem, do narrador e dos demais participantes, além de contemplar contextos sócio históricos distintos do seu. Nesse processo, o leitor não está diante de uma tela que se pinta sozinha – ou mecanicamente, como mencionado anteriormente -, mas que ele é participante ao longo da construção, tornando o processo de leitura orgânico. Cada leitura é única porque cada sujeito que dá significado a dada leitura também é único. Ou seja, nesse processo de construção dos outros, o leitor acaba dialogando consigo mesmo, repensando conceitos, construindo valores e questionando outros, um processo de acabamento que resulta não apenas na história literária que ganha forma, mas também no sujeito leitor que também está em construção ao longo da leitura.

Sem intimidar-se com as concepções tradicionais de propriedade literária e intelectual, os fãs saqueiam a cultura de massas, reclamando seus materiais para uso próprio, fãs parecem borrar as fronteiras entre fato e ficção, falando de personagens como se tivessem uma existência à parte de suas manifestações textuais, adentrando o reino da ficção como se fosse um lugar tangível que podem habitar e explorar. A cultura do fã posiciona-se como desafio aberto à "naturalidade" e desejabilidade das hierarquias culturais dominantes, uma recusa à autoridade autoral e violação da propriedade intelectual (JENKINS, 2015, p. 37)

Ao seguir esse raciocínio é que os leitores mais vorazes, chamados de fãs por Jenkins (2015) e localizados em uma realidade de leitura mais contemporânea, tendem a ignorar hierarquias entre leitor, autor e crítica autorizada à medida que cria seus próprios modos de leitura, subvertem as leituras que não lhes convêm por meio de fanfics e enxergam cada vez menos as fronteiras ou pontes que separam o mundo da vida do mundo da arte. Na realidade, esses sujeitos fãs, em geral sujeitos juvenis, vão à literatura em busca justamente dessa contemplação do outro, desses seres fictícios que mesmo submersos nas narrativas mais fantásticas revelam elementos tão caros e valiosos para esses sujeitos. Por vezes, o mundo tecnocrático apaga as variadas formas de ser em detrimento de modelos eleitos, e é justamente na arte, sobretudo na literatura, que esses modelos furam as barreiras e insistem em aparecer. Ao encontrar esses sujeitos em determinadas narrativas, os sujeitos fãs iniciam seu processo de acabamento, encontram-se nesses outros tão diferentes para os outros, mas tão particulares e semelhantes a eles, e aí se inicia o processo de formação do leitor e das comunidades de leitores quando esses fãs insaciáveis não se contentam apenas com a leitura do livro e necessitam de outras práticas discursivas que deem conta desse processo de acabamento.

Nesse processo de caça e de consumo da obra literária como fã invasor, observa-se a leitura, sobretudo, quando acontece nas comunidades de leitores, como uma caça a algo ou alguém que habita o mundo fictício mas que, em meio à interação deixa-se marcar no mundo real. Os leitores insaciáveis parecem buscar algo na leitura de tantas obras literárias. Não seria estranho que, no final desse processo, a caça envolvesse justamente uma busca de si mesmo.

2. Conflito de identidades na arena discursiva do IFRN

A escola, enquanto espaço mimético da sociedade, tende a reproduzir e refratar muitos dos valores da sociedade em que se encontra a medida que “adestra” os seus sujeitos a reproduzirem tais valores. Essa questão é

elucidada por Volóchinov (2017) ao analisar a sociedade e perceber uma organização baseada em uma base que a partir de seus interesses econômicos molda a sociedade a fim de que esses aspectos sejam seguidos e propiciam a ascensão do modelo tecnocrático estabelecido. Essa base é chamada pelo marxismo de infraestrutura, enquanto os valores que por ela são moldados respingam na política, na cultura, na religião e em outros aspectos sociais, os quais são nomeados superestruturas. A relação sempre se dá da base para os componentes sociais, fazendo com que os sujeitos estejam, quase sempre, submetidos a uma ordem monologizadora (BAKHTIN, 2015) que pode tanto corroer por meio de forças centrífugas, quanto fortalecê-las, a partir das forças centrípetas (BAKHTIN, 2015b).

Essa dialética existente entre os sujeitos dentro de cada âmbito social e as demandas que saem da infraestrutura são causadoras da arena discursiva caracterizada por Bakhtin como local de embate dos sujeitos. Ora, se há uma série de diretrizes a serem seguidas e as instituições sociais estão organizadas para garantir sua concretização, é de se esperar que aqueles sujeitos que tentam de alguma maneira corroer esses valores cristalizados sofrerão penitência e serão marcados com o signo do diferente, como maneira de marginalizá-lo e evidenciar que só há espaço para ele uma vez que se mutile para caber dentro do modelo tido como aceitável.

No meio dessa dinâmica, a escola pode ser identificada como a arena em que essas questões ganham especial simbolismo. Práticas como o bullying, por exemplo, são reflexos dessa vigilância sobre os sujeitos os quais são cobrados a seguirem um modelo pré-estabelecido de ser. O IFRN tem uma importância especial no estado do Rio Grande do Norte por ter passado por um processo de expansão que originou um avanço de dois campi no estado para mais de vinte. A maioria desses campi foi rumo ao sertão do estado, as regiões mais afastadas da capital. Tal processo propiciou não apenas a chegada de educação de qualidade nessas cidades, mas um ambiente escolar que chega com professores – em grande parte – de regiões mais desenvolvidas do estado e do país, e que trazem consigo valores outros – em geral mais abertos para a

diferença – que tendem a corroer muito do que se é pensado nesses locais, criando na escola uma arena em que as forças centrífugas e centrípetas se digladiam a fim de construir novos valores naquele ambiente. O embate dessas forças origina grupos e práticas discursivas particulares, e o estudo desses frutos do embate da linguagem propiciam a construção de sentidos do que se gesta nesses ambientes educacionais.

3. Um processo espelhado: o eu e as personagens ficcionais

O Clube do Livro do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – Campus Macau foi uma das primeiras comunidades de leitura oficialmente registradas da história do instituto e uma das primeiras a promover um intercâmbio de experiências com outros campus a fim de que a prática de leitura em comunidades organizadas e geridas pelos alunos se tornassem comum ao longo dos demais campus. Inicialmente, o clube foi formado por três estudantes do primeiro ano do ensino médio integrado em química. Trata-se, portanto, de uma organização, formada predominantemente por alunos, que defende a Literatura como fenômeno cultural e histórico, e que se opõe a posicionamentos que estigmatizem o gosto literário dos leitores.

A comunidade de leitores, em análise, organizava os seus encontros a partir de algumas etapas específicas. A seleção da obra a ser discutida; a organização da apresentação das obras; a tentativa de conseguir exemplares das obras discutidas para sorteio; a reserva da sala no instituto para acontecer o evento e, por fim, a divulgação para a comunidade escolar. A penúltima parte dessa organização, chama a atenção por se levar em conta a fala de um dos fundadores do clube (identificado nesta pesquisa pelo nome fictício de Charlie).

eu que já era rato do IF fui desenrolando para pegar a chave, porque naquela época nós não tínhamos professor (na organização do Clube) [...] Teve uma época que breparam, a gente não podia mais pegar. E foi aí que entrou * (professora) [...] O povo da reserva de sala não gostava que a gente pegasse a sala de videoconferência. Eu lembro que a gente

tinha muito problema porque reservava a sala com muita antecedência e quando era em cima da hora “Ah, porque a turma tal precisou da sala” “Ah, tal professor precisa da sala”. (Depoimento gerado por entrevista)

A fala ilustra muito bem uma resistência da escola em colaborar com ações que são protagonizadas por alunos e não pelo corpo docente, de quem em geral se espera a iniciativa de tais ações. O crescimento da comunidade de leitores no campus começou a chamar a atenção e ocupar seu espaço, despertando a empatia de alguns e o desprezo de outros da administração, uma vez que estes consideram suas práticas cotidianas de sala de aula como superior a qualquer outra ação que se realize na escola e menospreza o que surge dos sujeitos “menores” – alunos – e suas práticas de leitura também tidas como menores por terem gênese em práticas não-canônicas. Essa prática ilustra o que Bakhtin (2015b) chama de força centrípeta, a medida em que as ações de desarticular a organização do clube age em prol de uma organização estudantil que mantenha como protagonista o professor e se ignorem práticas de leitura dissidentes de um padrão tido como aceitável. O clube só é visto de forma mais natural quando uma professora se junta ao grupo. Se aproximando de uma estrutura de ensino tradicional. Sobre esse dilema entre tradicional e novo, o segundo entrevistado, identificado pelo nome de Záfon, diz que

Eu acho que tem uma questão... ah... a questão da própria definição dos espaços públicos. Porque dentro de uma sala [...] o que acontece é que o professor está em uma posição de poder diferente da dos alunos e em algumas salas de aula isso fica ainda mais evidente. No clube do livro essas relações de poder se tornavam mais horizontais [...] então não havia uma verticalidade na maneira de compreender os espaços de fala. (Depoimento gerado por entrevista)

Diferente do espaço de sala de aula, o Clube do Livro do campus Macau, bem como o de outras comunidades de leitores, promove um debate da vida a partir da arte e, nessa discussão, o fato de se enxergarem como iguais, sem hierarquias, promove uma abertura maior e uma possibilidade mais

latente de exercício da alteridade e da empatia. A identificação com os personagens é ampliada com o debate, se percebe o diferente no livro e também na realidade e, assim, esses sujeitos não se sentem mais sozinhos. Há outros como ele, e há espaços seguros para ser o que se é e viver como se quer. As comunidades de leitores são uma das forças de desarticulação de velhos valores nas cidades em que se encontram os Institutos Federais. O Clube do Livro do campus Macau está iniciando sua quarta geração. Mesmo com o tempo, a literatura ainda reserva seu espaço e sua importância, não única, mas múltipla.

Considerações finais

Ao se distanciar do litoral e adentrar os sertões, agrestes, cariris e demais zonas do estado do Rio Grande do Norte, os Institutos Federais levaram não só novos conhecimentos e formas de ensinar, mas novos valores e práticas discursivas que construíram um farol que corrói com sua luz os valores sedimentados ao longo do solo sertanejo. As aulas, os eventos e os projetos, a exemplo do clube do livro, oxigenam os sujeitos que adentram os muros do IFRN e faz brotar a flor da empatia nesses solos tão arenosos e secos para aqueles que são diferentes.

Referências

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoievski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. **Teoria do Romance I: a estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015b.

CERTEAU, M. D. **A invenção do cotidiano**:1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JENKINS, H. **Invasores do texto: fãs e cultura**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2015.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.